

## “PESTE GAY”: VEICULAÇÃO MUDIÁTICA E OS ESTIGMAS CRIADOS SOBRE O SURGIMENTO DA AIDS NA DÉCADA DE 1980

*Vinícios Nalin*

*Universidade Federal da Fronteira Sul*

*vininalin45@gmail.com*

*Eixo 09: Multidisciplinar*

**Resumo:** Representando um período sombrio para a comunidade global, a Aids (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) foi e continua sendo um assunto rodeado de tabus e preconceitos. Neste trabalho, estudamos a forma como a Aids foi veiculada midiaticamente em seu surgimento, os preconceitos criados sobre a doença, as exposições de suas “vítimas” e como esses discursos passaram a isolar socialmente as pessoas LGBT, ao serem vistos como os principais transmissores da doença.

**Palavras-chave:** Aids. Estigma. Espaços subterrâneos.

### **Introdução**

O surgimento<sup>1</sup> da Aids (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) nos anos 1980 foi avassalador para o sistema de saúde e para o mundo como um todo, dada sua forte onda de transmissão e inexistência de um tratamento eficaz, naquele momento. Entretanto, para além dos acontecimentos relacionados à saúde dos pacientes acometidos pelo vírus, os estigmas criados em cima da doença potencializavam sua agressividade contra alguns grupos minoritários, especialmente aqueles que foram nomeados na época como os “5Hs”, sendo eles os homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinomanos (usuários de heroína injetável) e *hookers*<sup>2</sup> (ARAUJO, 2016). Esses eram tratados, pela mídia e pelo senso comum, como grupos de risco. Mas sabe-se agora que esse é um pensamento ultrapassado, preconceituoso e opressivo, pois o que ocorrem são comportamentos de risco, por meio dos quais todos os indivíduos, independentemente de sexualidade e identidade de gênero, podem estar sujeitos a contaminação.

---

<sup>1</sup> Destaca-se aqui que o surgimento do HIV e Aids, datado nos anos 1980, é questionado por pesquisadores, tendo em vista que o vírus possivelmente já estivesse em circulação nos EUA ainda pela década de 1970. Cientistas datam ainda, o surgimento nos anos 1920, em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo (RDC), na África. Fonte: <https://science.sciencemag.org/content/346/6205/56>

<sup>2</sup> Profissionais do sexo, em inglês.

Durante as décadas de 1980 e 1990, nos primeiros 20 anos da epidemia, a mídia teve um grande papel em informar e auxiliar a população em relação à prevenção e cuidados diante dessa epidemia. Segundo De Luca (2011), as fontes midiáticas cumpriam sua função na ‘difusão de valores’, ajustando-se a demandas do poder e criando discursos ao senso comum. Assim, o objetivo aqui é analisar a forma como a veiculação midiática moldou o imaginário social e criou, por meio de seu domínio de poder sobre o que as pessoas recebiam de informação, o estigma de que a Aids era uma “peste gay”, vista como um “castigo de Deus”. Ao abordarmos a temática do HIV e Aids, em especial ao seu surgimento na década de 1980, inicialmente, foi construída uma breve contextualização sobre o vírus e sua disseminação. Além de sua contextualização e, seguindo o objetivo deste estudo, são analisadas matérias e reportagens sobre a disseminação do vírus, em especial àquelas que tentaram estigmatizá-lo como uma “peste gay”. Nesse esforço, foram colhidos materiais<sup>3</sup> em mídias sociais, *Google* e demais fontes jornalísticas impressas, para coleta e análise dessas veiculações, com um recorte espacial limitado ao território nacional brasileiro. Além das reportagens, foi analisado o documentário *Carta para Além dos Muros*<sup>4</sup> (Netflix, 2019) com o intuito de apreender memórias e marcas deixadas no espaço em que o público LGBT sofreu perseguição, a fim de contextualizar a análise e demarcar tais situações de exclusão e marginalização.

### **Surgimento, construção do estigma e consequência à exclusão**

Segundo Araujo (2016) o surgimento oficial da Aids para a comunidade médica e científica é datado em 1981, em que, a publicação do boletim oficial do *Center of Disease Control (CDC)*, relatava o caso de “cinco jovens do sexo masculino, sem história pregressa de imunodeficiência, de orientação homossexual, moradores de Los Angeles, que apresentavam infecção pulmonar atribuída a um micro-organismo já conhecido” (2016, p. 39).

Tomando conhecimento de que a transmissão da doença se dava (também) por meio de relações sexuais desprotegidas, líderes religiosos passaram a vincular a Aids como um castigo de Deus, por conta das práticas homossexuais. Na década de 1980, era muito comum a vinculação das mídias impressas com as lideranças religiosas, considerando que ambas representavam poder e, desse modo, influência sobre o comportamento da população.

<sup>3</sup> Importante destacar a dificuldade/limitação de encontrar, em sua totalidade, os materiais relacionados à temática publicados na época, pois não se tem acesso a várias destas reportagens atualmente (inclusive porque, em período de pandemia, muitos arquivos físicos estão fechados, impossibilitando seu acesso).

<sup>4</sup> *Carta Para Além dos Muros*. Direção André Canto. Netflix, 2019. Streaming (1h25m). Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=-17xebjLt0U>. Acesso em: ago. 2021.

Tendo em vista que as informações trazidas pelos meios de comunicação tentam “criar, mudar ou cristalizar a opinião das pessoas” (SUTO, 2018, p. 44) e que isso tende a influenciar a forma como o indivíduo se porta diante da coletividade, a forma como as matérias tomavam corpo, e a ausência de dados concretos com relação ao vírus e a suas vítimas contribuíam para que o senso comum assimilasse como verdade essa ‘realidade’ de que a doença era destinada a homossexuais (PORTINARI; WOLFGANG, 2017). Nos anos que seguiram, a imprensa continuou a reproduzir seu discurso preconceituoso, vinculando a Aids à sexualidade (principalmente) dos homossexuais. No entanto, embora vinculasse a esse público, a imprensa também negava a existência da doença, como é o caso da revista *Isto É*:

[...] a revista *Isto É*, de 6 de abril de 1983, cujo título foi “Tragédia Venérea: o mal dos homossexuais americanos”, fazia uma vinculação a homossexuais e também a estrangeiros, além de trazer uma declaração de João Silvério Trevisan que afirmava desconhecer qualquer caso de Aids no Brasil. Entretanto, segundo o Ministério da Saúde, o primeiro caso já teria sido diagnosticado em São Paulo, em 1982. (ARAUJO, 2016, p. 47)

De fato, as autoridades e a imprensa, negarem a existência de uma doença era uma forma de colocar ao imaginário da população que ela não existia realmente, apesar de que a Aids tenha deixado suas marcas dolorosas, principalmente àqueles que essas mesmas autoridades jogavam ao purgatório da culpa. Em 1989, a revista *Veja* traz em sua capa a imagem de Cazuzza, cantor-compositor brasileiro, com a manchete: *Cazuza: uma vítima da Aids agoniza em praça pública*. Cazuzza foi a primeira personalidade nacional a assumir publicamente ser soropositivo, em 1989, o que para a época era *motivo* para criar uma matéria que, de forma alguma, tinha intenção de promover ensinamentos, discutir sobre a Aids, sua prevenção ou os esforços dos profissionais infectologistas, mas sim de ser um ataque ao artista e sua intimidade, fazendo de sua doença uma espetacularização cunhada em um discurso de senso moralista, condenando-o a diversos julgamentos (BUCCI, 1993). Trechos como “o mundo de Cazuzza está se acabando com estrondo e sem lamúrias”, “o roqueiro definha um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável” (*Veja*, 26/04/1989)<sup>5</sup>, fizeram com que o artista precisasse ser hospitalizado após um ataque cardiorrespiratório na ocasião.

Cazuza representa aqui uma figura pública que teve sua vida violada em troca de uma manchete sensacionalista que decretava sua morte na tentativa de atrair público. Quantos

---

<sup>5</sup> RIBEIRO, Beatriz. Quando a *Veja* matou Cazuzza?. **Observatório de Mídia**, São Paulo, 19 dez. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuzza-15933a4f909a>> Acesso em: 24/07/2021.

anônimos não foram violados da mesma maneira e tiveram seus corpos usados de *manchete* para a imprensa escalar e se estabelecer cada vez mais como *formadora de opiniões*? Assim como Cazuzu, e outros famosos brasileiros vitimados pela doença, como o cantor Renato Russo<sup>6</sup> (1960-1996), o jogador de futebol Gerson da Silva<sup>7</sup> (1965-1994), por exemplo, muitos anônimos tiveram suas vidas interrompidas por uma doença avassaladora que, com uma enorme carga de preconceito, foi capaz de revelar uma face obscura da mídia.

### **Memória (n)às cidades: espaços subterrâneos**

Qual memória pode-se guardar de um período tão sombrio como foi a epidemia de Aids na década de 1980? Segundo Abreu (1998, p. 82), “a memória, em sua definição, é uma categoria biológica/psicológica que traduz a capacidade de armazenar e conservar informações”. O autor discute essencialmente, a memória como construção de identidade de um lugar, destacando como foco principal, a memória compartilhada, a memória coletiva de uma cidade. Qual a identidade deixada pela epidemia senão a de derrota e preconceitos?

Santos (2004) discute sobre a dificuldade em empiricizar o tempo para assim poder estudá-lo, sendo que sem tê-lo como material, não se consegue geografizar o mesmo. Assim, tem-se o estudo da morfologia como possível escape de análise, enquadrando seu espaço-temporal.

Buscamos então, fazer um esforço por meio das narrativas do documentário *Carta para Além dos Muros*<sup>8</sup> (Netflix, 2019), que retrata o surgimento da Aids e a luta travada naquele período, para materializar as vivências e narrativas das pessoas envolvidas na epidemia, como médicos, amigos e/ou sobreviventes. Enquanto, de um lado, temos os profissionais de saúde que batalhavam em busca da recuperação ou, ao menos, de uma passagem menos dolorosa para os pacientes, temos, do outro, o público LGBT, apontado e marginalizado. Nas palavras de um dos entrevistados no documentário, “[...] não bastava você ser gay. Você era gay e... transmissor de uma peste gay.” (Carta Para Além dos Muros, 2019, min. 20:40). Falas como essa geravam o surgimento de *espaços subterrâneos*, que metaforicamente seriam espaços onde gays se escondiam, se protegiam da sociedade que os afundava em mentiras vendidas pela imprensa como se fossem verdades, mas que eram escrachadas de hipocrisia, como relata uma fala da travesti Andréia de Maio:

---

<sup>6</sup> [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/12/caderno\\_especial/5.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/12/caderno_especial/5.html)

<sup>7</sup> <https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/gerson-o-artilheiro-da-copa-do-brasil-que-foi-parado-pela-aids.ghtml>

<sup>8</sup> Link para o trailer oficial: <https://www.youtube.com/watch?v=qL9tE2FIny0> Acesso em: 27/08/2021.

Eu acho a sociedade muito falha. Porque, de dia, eles me apontam na rua, eles passam com seus [...] os homens passam com suas mulheres e me apontam com o dedo e, juntamente, os dois dão risada. E, à noite, eles vêm na minha casa procurar a mim, ou gente como eu, pagando altos cachês para ter momentos de prazer com a gente. Então é uma sociedade muito falha (Carta Para Além dos Muros, 2019, min. 22:10).

O discurso de Andréia revela muito sobre como a sociedade agia frente à epidemia, negando corpos que, pela reprodução midiática, eram tratados como a causa de uma doença. Isso nos traz também a discussão sobre os papéis da família e da monogamia, mantidos pelo patriarcado, aos quais a igreja tratava como ‘prevenção ao vírus’, proibindo seus fiéis de usarem preservativo, que era e segue sendo uma das reais formas de prevenção.

Assim vemos que a memória deixada às cidades com a epidemia é marcada pela exclusão de grupos sociais minoritários. A desinformação, ou melhor dizendo, a informação distorcida, respalda ainda aos dias atuais em que muitas pessoas que vivem com o HIV deixam de realizar o tratamento em decorrência do medo dos efeitos que o vírus poderia provocar<sup>9</sup>, como traz Caio (nome fictício), no documentário:

As minhas referências a respeito do tratamento eram com os chamados ‘coquetéis’. Então a minha memória a respeito disso era do AZT. Isso que era minha memória, dos efeitos colaterais que eles causavam. E eu sempre pensava em muitas seringas, quase como uma quimioterapia. Eu imaginava até que era assim, só medicamentos intravenosos, ou realmente remédios muito fortes (Carta Para Além dos Muros, 2019, min. 49:33).

Semelhante a narrativa de Caio, vemos atualmente a – ainda – grande falta de difusão de informações quanto aos benefícios trazidos pelo tratamento que, além de alternativa de sobrevivência, perpassa por uma maneira de ter uma vivência saudável e igualmente prolongada, assim como pessoas soronegativas. Situações essas, de todo modo desrespeitam as pessoas vitimadas durante o surgimento da epidemia nos anos 1980, momento ao qual não havia tratamento, sendo possível apenas medidas paliativas que garantiam poucos meses de sobrevivência aos pacientes.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Destacamos a importância da realização do tratamento, bem como da testagem, ambos gratuitamente realizados pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Com os avanços da medicina, o tratamento com os antirretrovirais (TARV) não provoca efeitos colaterais agressivos ao paciente, mantendo inclusive sua carga viral zerada. Fonte: [http://giv.org.br/HIV-e-AIDS/Indetectavel=Intransmissivel/Folder\\_I=I.pdf](http://giv.org.br/HIV-e-AIDS/Indetectavel=Intransmissivel/Folder_I=I.pdf)

<sup>10</sup> CAPARICA, Marcio. Uma população dizimada: como foi o auge da AIDS nos anos 1980. **LadoBi**, 06 mar. 2015. Disponível em: <<http://ladobi.com.br/2015/03/aids-1980/>>. Acesso em: 28/07/2021.

## Considerações Finais

São diversas as memórias trazidas às vistas quando olhamos para trás e vemos a luta incessante pela democratização de espaços, em um período pós ditadura, em especial a populações marginalizadas, que estão diretamente ligadas ao sentimento de identidade e de pertencimento social (GIMENEZ, 2015). A história ultrapassa a concretude pela qual a Aids surgiu para a sociedade. Avanços são nitidamente percebidos e vividos no tratamento e na longevidade dos pacientes HIV+, que sofrem ainda, infelizmente, com o preconceito criado nos anos iniciais da epidemia.

A condução da imprensa na sua forma de noticiar a epidemia da Aids ocultou por anos e segue marginalizando grupos LGBT, especialmente aos quais a situação de vulnerabilidade é ampliada em decorrência de suas vivências individuais. É de suma importância difundirmos informações verídicas, especialmente por não se tratar de um vírus restrito a um grupo apenas, atingindo todo tipo de pessoa, independente de gênero, sexo, raça, cor, classe social ou credo, em qualquer lugar do planeta.

## Referências

ABREU, Maurício A. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Geografia), Porto, Portugal, v. XIV, p. 77-97, 2001.

ARAUJO, Ana C. C. **A AIDS e a imprensa: as vozes e os silêncios nas reportagens do dia mundial da luta contra Aids de 1988 a 2013**. 2016. Tese (Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde - PPGICS ICICT/FIOCRUZ). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro - RJ.

BUCCI, Eugênio. Uma razão autoritária. In BUCCI, Eugênio (Org.) **O peixe morre pela boca: oito artigos sobre cultura e poder**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

DE LUCA, Tânia. História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

GIMENEZ, Mariana Q. Movimento LGBT, a memória de um espaço - tempo – humano. **Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**. v. 7 n. 2 (mai./ago. 2015) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015.

PORTINARI, Denise B.; WOLFGANG, Simone M. B. M. **Imagens e marcas: um imaginário ligado à epidemia de HIV-Aids no Brasil**. ALCEU - v. 17 - n.34 - p. 45 a 60 - jan./jun. 2017

SUTO, Cleuma. S. S.; SANTOS, Milena V. S.; RIOS, Paula P. S.; PAIVA, Mirian S. **Relação intertextual entre slogans e produção científica no campo do HIV/AIDS**. Revista Baiana de Saúde Pública, Bahia, Brasil, v. 42, n.1, p. 41-58 jan./mar. 2018